



Grupo de Estudos em Análise de Discurso e Ensino de Línguas

Volume 01 | Número 2 | 2020

APRESENTAÇÃO

PENSAR, AGIR E VIVER DE MANEIRA *EST-É-TICA* EM TEMPOS DE *INTERREGNO*¹

Thinking, acting and living in an est-E-thical way in times of interregnum

*Não é à toa que entendo os que buscam caminho. Como busquei arduamente o meu! E como hoje busco com sofreguidão e aspereza o meu melhor modo de ser, o meu atalho, já que não ousa mais falar em caminho. Eu que tinha querido. O Caminho com letra maiúscula, hoje me agarro ferozmente à procura de um modo de andar, de um passo certo. Mas o atalho com sombras refrescantes e reflexo de luz entre as árvores, o atalho eu seja finalmente eu, isso não encontrei. **Mas sei de uma coisa: meu caminho não sou eu, é outro, é os outros.** Quando eu puder sentir plenamente o outro estarei salva e pensarei: eis o meu porto de chegada.*
(Lispector, 1984, ênfase adicionada)

A ação, única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo. Todos os aspectos da condição humana têm alguma relação com a política; mas esta pluralidade é especificamente a condição – não apenas a conditio sine qua non, mas a conditio per quam [“condição pela qual”] – de toda a vida política. [...] a pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir.
(Arendt, 2007, ênfase adicionada)

Buscar o caminho para agir de modo *est-É-tico* (DOMENECK, 2013) envolve o pensamento crítico para considerar como a política, a ética e, no sentido da experiência estética literária, a história das culturas estabelecem uma relação de alteridade entre autor e público, a fim de compreender como os homens se

¹ Adotamos o termo *est-É-tica* do autor Ricardo Domeneck (2013), no texto *Duas mulheres e a est-É-tica*: Hannah Arendt e Clarice Lispector; *interregno*, de Bauman (2016), na obra *Babel: entre a incerteza e a esperança*.

comunicam ao longo da história, através de modelos socioculturais diferentes (ECO, 1991, p.16). Esse caminho estético, político e ético nos orienta, atualmente, a procurar novas formas de intervenção no universo das comunicações, de intervenção política, intervenção desmistificadora de todas as “manipulações do consenso e das próprias mistificações estéticas, mediante as quais os vários Poderes substituem as livres escolhas por opiniões pré-fabricadas” (ECO, 1991, p. 18).

Em se tratando dos estudos linguísticos voltados para o ensino de línguas, ao longo do tempo, novas perspectivas teóricas apontam para o advento de se levar em consideração a produção linguística para além do sistema linguístico, abstratamente idealizado por correntes teóricas estruturalistas, envolvendo o fazer linguístico em uma intersimbiose que permeia diferentes atores sociais e língua(gens).

Do ponto de vista da influência da Linguística, em uma perspectiva contemporânea ou pós-moderna² - como se referem em épocas hodiernas alguns estudiosos no campo da Linguística Aplicada, dentre eles Coracini (2014, p. 401), e/ou de outro nome de referência à área do conhecimento como queiram os estudiosos que se pretendem investigar diferentes aspectos das língua(gens) -, refletir sobre a concretização das línguas conecta o fazer científico para diferentes sujeitos, principalmente àqueles que sofrem ações diretas de práticas languageiras que refletem estratos de minorização ou invisibilização social, como é facilmente possível observar nas narrativas construídas em torno de sujeitos indígenas, LGBTQI+, pessoas em situação de rua, negros³, dentre tantos outros que vivem às margens da sociedade. Para Coracini, se referindo especificamente a sujeitos em situação de rua:

As representações que constituem o imaginário – instância da aparência, das identificações com o outro, que possibilitam ao sujeito se adequar ao que querem dele para que ele agrade ao outro, para que seja o desejo do outro, instância onde é construída a identidade: ilusão de totalidade, coerência e controle – são imagens subjetivas de si e do outro, construídas a partir do espelho do olhar do outro, que se deixam flagrar na materialidade linguística. Desse ponto de vista, importa observar, no dizer dos participantes de pesquisa, as instâncias enunciativas ou os pronomes usados (eu, ele/ela, eles...) – e os efeitos de sentido que daí resultam, dentre os quais o testemunho, ao qual retornaremos adiante –, o vocabulário, hesitações, interrupções, a heterogeneidade enunciativa ou, de acordo com Bakhtin, a polifonia, entendida como pluralidade de vozes, para depreender da materialidade linguística as auto e heterorepresentações (CORACINI, 2017, p. 1950).

² Importante destacar que o termo pós-modernidade é alvo de diversas discussões em diferentes áreas do conhecimento, entre as quais se encontra a Linguística. Para discussões mais pormenorizadas referentes ao uso ou ao não uso do termo, sugerimos a leitura de Giddens (1991).

³ Sem recorrer a qualquer tipo de essencialização social, a proposta é marcar, politicamente, a inserção dos saberes/vontades de grupos historicamente marginalizados no debate contemporâneo, principalmente no tocante às diferentes ações permeadas pelas língua(gens).

Desse modo, o adequar-se às produções linguísticas que perfazem o querer do outro é uma maneira que sujeitos subalternizados utilizam para estar no mundo, refazendo, para tanto, muitas dessas produções discursivas, possibilitando formas de existir diante de imaginários que os impossibilitariam de se representar. Como a saída para se fazer presente no mundo é se situar nas margens das produções discursivas hegemônicas, diferentes grupos sociais destituídos de legitimidade social se reinventam, produzindo identidades para além do estar subjugado por outrem.

Para povos indígenas no Brasil que são influenciados por ações permeadas por variedades da língua portuguesa, hegemonicamente eleita a “língua do Brasil”, se fazer diante do “português” é produzir falares que os conectam a dois mundos ou, mais particularmente, aos entre-lugares que se margeiam diante desses dois mundos (SOUZA; KAXINAWÁ, 2019), forçando os linguistas a rever conceitos que pareciam já cristalizados nos estudos linguísticos como bilinguismo, por exemplo (CESAR; MAHER, 2018, p. 1305) e, conseqüentemente, conectar os estudos linguísticos às práticas de educação que levem em consideração a compreensão do outro (em contextos de relações sociais rodeadas por situações de conflito (WALSH, 2005) como partícipe do processo de ensino-aprendizagem de língua(gens).

Com essa concepção de que precisamos considerar o *eu-e-o-outro* no movimento de compreender e refletir como se desenvolvem o processo de ensino-aprendizagem de língua(gens), tecemos essa apresentação da Revista Geadel, v. 01, n. 02, 2020, com autores que pensaram e viveram o mundo em ação-reflexão, em ato político e, mesmo que não diretamente, na intenção de compreender como vivemos em tempos de interregno (BAUMAN, 2016), ou seja, em um caminho que não é apenas um eu, mas o(s) *eu(s)-e-os-outros*, nos quais a sombra refrescante e o reflexo da luz caminham ao lado das intempéries da vida. O sentir plenamente o(s) outro(s), conforme apresentado por Lispector (1984), exige uma mudança de comportamento, de valores, de crenças, de atitudes, uma revisão na constituição sócio-histórico-cultural incorporado em nós, enquanto seres pensantes e sociais.

Esse pensar o eu-e-o-outro *no* e *pelo* diálogo-dialético faz parte do processo de interação, pois colaboram para que ocorra a discussão necessária e fundamental sobre o enfraquecimento da democracia no mundo e, em especial, no Brasil. Segundo Bauman (2016), faz-se necessário rever como as relações interpessoais encontram-se fragilizadas, solitárias na era da informação e qual o papel do Estado na crise da democracia, na construção de discursos que revelam a intolerância, o preconceito, a vulnerabilidade do sujeito em uma era de hiperconectividade. Coracini (2017), amparada na discussão bakhtiniana de como nos constituímos em constante conflito/tensão entre o eu-e-o-outro, sinaliza uma reflexão sobre os que estão em total desamparo social, os moradores de rua, rejeitados pela família, pela sociedade hegemônica que os mantêm no estrato social, firmando a invisibilidade e, pelo discurso, considerando-os como

“vagabundos” (CORACINI, 2017, p. 1948), sem o direito de participar da sociedade da qual faz parte. Para Coracini (2017), é preciso dar voz aos (in)corrigíveis para compreenderem como o discurso promovido pela sociedade hegemônica colabora para uma autoconstrução de uma imagem inferior e os conservam como párias da sociedade.

Arendt (2007, p. 13), por sua vez, invoca-nos a refletir sobre a nossa condição humana, o que estamos fazendo com as nossas vidas entrelaçadas ao labor (processo biológico necessário para a sobrevivência humana), ao trabalho (capacidade de transformar objetos naturais em artificiais) e à ação (que leva o homem a viver com o outro em sociedade, na pluralidade). Nesse processo, é necessário instituir uma “*vita activa*” que, para a autora, significa estar em conflito com a tradição, com a hierarquia tradicional que obscureceu as diferenças e manifestações em nome da própria vida ativa (ARENDR, 2007, p. 25).

Articular esses autores impõe uma revisão em nossa própria formação para passarmos a instituir a “*vita activa*” (ARENDR, 2007, p. 15) que nos coloca em conflito com o que acontece na sociedade, em *tempos de interregno* (BAUMAN, 2016) e de uma crise democrática que aponta para o desconhecido, para os rascunhos presentes na segurança, na saúde e na educação, por exemplo. Salvar a democracia, para o autor, é dever de todos e precisamos olhar, pensar e agir para além das fronteiras espaciais/temporais, de maneira coletiva, em nome de uma sociedade mais justa e igualitária.

Esse movimento estético, ético e político põe em debate as contradições da sociedade brasileira. Um país em que a concentração de renda e riqueza está nas mãos de 1% da população, concentrando 28,3% da renda total do país⁴, o que reflete em mais pobreza e aumento das desigualdades sociais. Coloca em evidência o país permeado pelo patriarcalismo, totalitarismo, pela corrupção endêmica, pela opressão e violência vivificados diariamente pela mulher, pelo racismo estrutural e preconceito⁵, aos que vivem às margens e, aos invisíveis “descobertos” na pandemia de Coronavírus, por conta do auxílio emergencial concedido pelo Governo Federal.

É na “*vita activa*” (ARENDR, 2007, p. 15) que podemos nos organizar para articular um novo modo de pensar, de ensinar a agir transgressivamente e cruzar os limites opressores da dominação pela raça, gênero e classe (PENNYCOOK, 2006, p. 75). É diante de uma pedagogia transgressiva que podemos romper com a alienação social imposta pelos colonizados, pela política ocidental. É ciente da nossa conduta transgressiva, que podemos ensinar aos nossos educandos a necessidade de assumirem uma

⁴ Notícia divulgada no site de notícias G1, com o título Brasil tem 2ª maior concentração de renda do mundo, diz relatório da ONU. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/12/09/brasil-tem-segunda-maior-concentracao-de-renda-do-mundo-diz-relatorio-da-onu.ghtml>. Acesso: 22 dez. 2020.

⁵ Alguns desses temas são apresentados na obra *Laços de Família*, de Clarice Lispector.

postura moral e crítica, na tentativa de mudar um mundo estruturado na desigualdade social (PENNYCOOK, 1998).

É assim, então, como uma maneira de agir, pensar e viver (n)o mundo que a *Revista* GEADEL procura contribuir para as discussões sobre língua(gens) em tempos de que cabe a nós, estudiosos dessa área, na tentativa de explicitação dos meandros que as línguas(gens) constroem na mediação da relação dos sujeitos com o mundo. Com esse espírito, a Comissão Editorial da revista agradece a todos os envolvidos no processo de publicação de seu segundo número - autores/autoras, corpo de pareceristas e conselho editorial –, sempre tencionando que os textos aqui publicados possam, de modo geral, construir discussões sobre a linguagem no nosso país, e, de modo específico, uma reflexão teórico-prática da comunidade leitora desta edição.

Universidade Federal do Acre – UFAC, Rio Branco-AC, 29 de dezembro de 2020.

Referências:

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p. 16-17.

BAUMAN, Zygmunt. MAURO, Ezio. **Babel**: entre a incerteza e a esperança. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

CESAR, América Lúcia Silva; MAHER, Terezinha Machado. Política linguística e políticas de identidade em contexto indígena: uma introdução. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, n. (57.3): 1297-1312, set./dez. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tla/v57n3/0103-1813-tla-57-03-1297.pdf>. Acesso: 13 dez. 2020.

CORACINI, Maria José. Entre a modernidade e a pós-modernidade: discurso e ensino. **Educação**, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 400-411, set.-dez. 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/18148/12448>. Acesso em: 18 dez. 2020.

CORACINI, Maria José. Aspectos linguístico-culturais na relação com o outro: construção da identidade de sujeitos em situação de rua. **Atas do Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa Simpósio - Língua, discurso, identidade**, Università del Salento, 2017, p. 1947-1959. Disponível em: <http://sibaese.unisalento.it/index.php/dvaf/article/view/17944/15295>. Acesso: 13 dez. 2020.

DOMENECK, Ricardo. **Duas mulheres e a est-É-tica: Hannah Arendt e Clarice Lispector**. 2013. Disponível em: <http://revistamododeusar.blogspot.com/2013/02/duas-mulheres-e-est-e-tica-hannah.html>. Acesso: 21 dez. 2020.

ECO, Umberto. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

GUIDDEN, Anthony. **Consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora da Unesp, 1991.

LISPECTOR, Clarice. **A Descoberta do Mundo**. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira. 1984, p.165-166.

PENNYCOOK, A. A linguística aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, I; CAVALCANTI, M. C. (org.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 23-49.

PENNYCOOK, A . Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 67-84.

SOUZA, Shelton Lima de Souza; KAXINAWÁ, Joaquim Paulo de Lima. (Re)Existência Linguística. In: ALBUQUERQUE, Gerson; PACHECO, Sarraf Agernor. **Wakürü: dicionário analítico**. Rio Branco: Nepan, 2019. Disponível em: <https://posletrasufac.com/2020/02/03/uwakuru-dicionario-analitico/>. Acesso: 02/01/2019.

WALSH, Catherine. **La Interculturalidad en la educación**. Lima: Ministerio de Educación, 2005.

Grassinete C. de A. **OLIVEIRA** (GEADEL/UFAC)⁶

Gabriela M. **OLIVEIRA-CODINHOTO** (GEADEL/UFAC)⁷

Maristela Alves de Souza **DINIZ** (GEADEL/UFAC)⁸

Paula Tatiana da **SILVA-ANTUNES** (GEADEL/UFAC)⁹

Shelton Lima de **SOUZA** (GEADEL/UFAC)¹⁰

⁶ Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil. Centro de Educação, Letras e Artes (CELA); ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2765-8705>; grassinete@hotmail.com

⁷ Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil. Centro de Educação, Letras e Artes (CELA); ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0883-0984>; codinhoto.gabriela@gmail.com

⁸ Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil. Centro de Educação, Letras e Artes (CELA); ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9841-3847>; malvesdiniz1@gmail.com

⁹ Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil. Centro de Educação, Letras e Artes (CELA); ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7372-8153>; paula.silva.pts@gmail.com (Vice-líder do GEADEL atualmente)

¹⁰ Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil. Centro de Educação, Letras e Artes (CELA); ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4735-853>; shelton.linguista@gmail.com